



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

NOVA CONSCIÊNCIA DE BRASIL

“A Revolução venceu a desordem, a hiperinflação e a imoralidade que se plantava na administração pública. A Revolução restabeleceu o respeito à autoridade e o respeito da autoridade por si mesma. Muitas vezes se tem dito e repetido que a Revolução é irreversível, e eu sinto a razão dessa verdade na nova consciência de Brasil que nestes anos se formou.”

SOB o signo da ressurreição, venho assinalar o transcurso do 6º aniversário do 31 de março, dizendo, ao Brasil inteiro, como vejo e como sinto a Revolução.

A Nação se lembra da quaresma de 1964, para nós bem mais triste do que todas, porque então se crucificavam os valores democráticos e cristãos da alma brasileira, no cerco da desordem e da turbulência, da injustiça, da demagogia e da intimidação, que haveria de fechar-se na tormentosa sexta-feira 13.

Está bem viva na memória do País a marcha da família, pelas ruas, do sentimento religioso e cristão de nosso povo, exigindo o fim de todos os desmandos.

A Nação bem se lembra do motim da quinta-feira santa de 64 e sabe que vivemos, na angústia daquelas horas, a agonia da disciplina, da ordem, do respeito, da hierarquia, da autoridade.

E a Nação também se lembra de que foi chamar os seus soldados dos quartéis para dizer o "basta" e o "fora" ao cinismo e à insensatez, à audácia e à anarquia, à desonestidade, ao despudor, ao desgoverno, à desagregação.

E eu bem me lembro de que a mocidade das Agulhas Negras, junto a mim naquela crise, foi solidária com seus chefes, marchando na vanguarda das forças que deflagravam a Revolução.

O desenlace foi um grito de vitória. Passados só seis anos, sabemos que Março escolheu o caminho da ordem para realizar as reformas, que antes só serviam de estandarte à subversão.

Relembrando essa vitória e esse caminho, relembrando esses seis anos que salvaram o País da bancarrota, queremos homenagear a memória dos dois presidentes revolucionários que se imolaram pelo Brasil: o que se imolou pela coragem da impopularidade no presente em favor do amanhã de nossos filhos, e o que imolou a própria vida na devoção ao trabalho de reconstrução — Castello Branco e Costa e Silva.

Vejo e sinto a Revolução fazendo este país nascer de novo. Se sacrifícios e sofrimentos houve nestes seis anos, serviram à arrumação da casa, à reorganização da vida nacional, e os resultados aí estão ao alcance de nossa mão. Basta recordar que, mesmo reduzindo de quatro vezes o ritmo de crescimento da inflação; em seis anos só, dobramos nossa produção de petróleo, nossa rede de estradas pavimentadas, nossa capacidade de energia elétrica instalada; triplicamos o número de nossos universitários e multiplicamos de muitas vezes a extensão de nosso sistema de telecomunicações.

A Revolução venceu a desordem, a hiperinflação e a imoralidade que se plantara na administração pública. A Revolução restabeleceu o respeito à autoridade e o respeito da autoridade por si mesma. Muitas vezes se tem dito e repetido que a Revolução é irreversível, e eu sinto a razão dessa verdade na nova consciência de Brasil que nestes anos se formou.

Alguns aspectos dessa mentalidade, que o povo está incorporando ao seu patrimônio moral, são o hábito de se gastar somente o que se tem e naquilo

que possa frutificar, de fazer-se mais obra de infraestrutura que de superfície, de atender-se o interesse coletivo sobre o individual, de buscar-se o homem para a função e não a função para o homem, de se concentrarem recursos no prioritário e não no favorito, de dizer a verdade e negar a demagogia, de conduzir aos postos executivos homens capazes de executarem bons serviços e não de se servirem ou de servirem a seus familiares, seus amigos, seus correligionários, seus cabos eleitorais.

O balanço destes seis anos de governo da Revolução mostra um outro saldo, dos mais importantes: o da luta contra a subversão.

Expulsos de áreas vitais do próprio poder federal, os agentes da traição nacional reagruparam seu dispositivo de ataque às instituições democráticas do País, por meio de um estratagema que lhes permitisse continuarem, mesmo fora do Governo, condicionando nossos passos.

Consistia, essa manobra, na tentativa de condicionarem o Governo pela contradição. Levá-lo a adotar condutas que o impopularizassem e servissem à técnica subversiva do "quanto pior, melhor". Para isso, e aproveitando-se da fase de ação necessariamente punitiva e repressiva, dos primeiros tempos de poder revolucionário, procuraram, tais agentes, conquistar a alma generosa da juventude — sobretudo da juventude universitária. Isso levaria ao engano de supor-se que o movimento de 31 de março, longe de uma revolução, fosse, na verdade, uma contra-revolução destinada a afogar em repressão — em sangue, se preciso — as mais legítimas aspirações de mudança das estruturas econômicas e sociais que tolhiam o País na busca dos caminhos de seu desen-

volvimento autônomo e de formas mais justas de distribuição do produto do trabalho coletivo da Nação.

Tentavam, assim, promover uma escalada de contestação anti-revolucionária, na esperança de provocarem o Governo, em contrapartida, a uma escalada de repressão.

Frustrados, nessa tentativa, por não terem atraído para o engodo a massa da nossa juventude — como também, já antes, o haviam sido no natimorto propósito de criar a guerrilha rural, por falta de apoio de nosso homem do campo — vêm, ultimamente, substituindo a escalada da contestação pela escalada do terrorismo. Praticam graves atos de banditismo — assassinatos, roubos e seqüestros de agentes diplomáticos de nações amigas, golpes-de-mão para os quais de nada mais precisam senão da audácia de alguns poucos fanáticos dispostos ao crime inspirado no desespero.

A nação brasileira os repudia, porque sempre abominou a brutalidade, a violência, o sacrifício de inocentes. Mas, assim mesmo, os agentes da traição nacional procuram, ainda, atrair a Nação para uma nova — e, no fundo a mesma — armadilha. Buscam induzir o Governo da Revolução a uma nova escalada de repressão, na qual adotasse medidas restritivas das liberdades públicas que atingissem, não apenas a eles, os criminosos, mas, indiscriminadamente, a generalidade dos cidadãos, que, dessa forma, se tornariam duplamente vítimas de tais crimes.

Enganam-se, porém, mais uma vez, os que assim supõem poder comandar o Governo pela contradição. Este Governo, que jamais será comandado pelas injunções de seus próprios amigos — pois nele só prevalecerão os critérios impessoais do interesse

nacional — muito menos haverá de sê-lo pelas artimanhas de seus inimigos, dos inimigos da Revolução.

Haverá repressão, sim. E dura, e implacável. Mas apenas contra o crime, e só contra os criminosos. E, assim, a cada novo desafio, a Nação haverá de dar força e fé ao Governo para que este, longe de confundir inocentes e culpados na mesma suspeição e nas mesmas restrições, possa responder a cada provocação com uma nova esperança, quando não com a certeza de uma nova conquista.

Fiquem, pois, os criminosos do terrorismo advertidos: não medrará, jamais, neste governo, a conspiração do “quanto pior, melhor”. Não puniremos inocentes por culpados. Não adotaremos sua prática celerada de buscar reféns para aceitar a impotência e a impunidade.

Este governo é forte demais para se deixar atemorizar pelo terror. Muito menos para fazer da tranqüilidade da Nação e da liberdade de seus cidadãos — reféns da insânia provocadora de alguns poucos desgarrados. É forte demais este governo, e tem-se suficientemente lúcido, para se deixar colher nessa armadilha primária de fazer — pelo medo e pela inépcia — a contrapartida do jogo dos terroristas.

Este governo não fará o jogo de ninguém, mas apenas o próprio jogo. O jogo da verdade. O jogo limpo e claro da Revolução. O jogo do desenvolvimento nacional, o jogo da justiça social, jogo através do qual se fortalecerá na confiança e no apoio de toda a Nação.

Hoje, neste 6.º aniversário da Revolução e 5.º mês de minha posse, e inspirado na Páscoa da Res-

surreição, peço que o povo volte seu pensamento, comigo, para bem longe, ao amanhã, e sinta a vocação de grandeza do Brasil.

Que todo homem, mais dentro de si mesmo que dentro de sua casa ou no seu rincão, pense nessa grandeza, e sinta, no mapa do Brasil, no mapa das terras e dos homens deste imenso país, essa grandeza viável e tangível, que é dever de todos nós antecipar.

Um grande país é feito de espaço, de gente, de riquezas naturais e de cultura. Um país é grande na dimensão da vontade de seu povo, de sua coesão, da facilidade de articulação de suas partes componentes, na forma pela qual isso tudo lhe assegura a força da produção, a soberania e a capacidade de ativa participação nos destinos do mundo.

O espaço aí está — imenso, consolidado e generoso — e, nele, o extraordinário potencial de dentro da terra e de dentro do homem.

Aí estão os incentivos fiscais à Amazônia e ao Nordeste. Aí, as grandes obras viárias e as de infraestrutura portuária e de navegação; os terminais de minério, de petróleo, de sal. Aí, a interligação de Mato Grosso ao sistema rodoviário do Sul e do Leste; e a estrada Cuiabá-Porto Velho; e a ligação rodoferroviária sobre o São Francisco em Propriá; e Brasília cumprindo sua missão de irradiar; e a Belém-Brasília irradiando novos caminhos, e todo um imenso esforço de integração da Amazônia, de que é vanguarda o idealismo dos moços do Projeto Rondon. Aí está como realidade indiscutível a eclosão repentina de nosso sistema de telecomunicações.

Vencer o desafio da educação e da cultura é o anseio maior do meu governo, não só para aumentar

as capacitações de cada um, senão também para que o povo mais se una, mais se integre, mais se solidarize, saiba confiar, saiba querer.

A força inspiradora da Revolução de Março vem das luzes do Aleluia, na simbologia do ressuscitar, do renascer. Os revolucionários da primeira hora sentem essa força dentro de si mesmos, compreendendo que o clarão da Páscoa dilui a sombra do Calvário. O futuro do Brasil pede dos que depois aceitaram a Revolução, dos que afinal reconheceram os seus serviços, ou dos que somente a compreenderam ou a ela se inclinaram, a grandeza de tê-la como o começo de um novo tempo.

E bem haja, sob essa inspiração, a feliz coincidência da comemoração do 6º aniversário do 31 de março com a retomada das atividades do Poder Legislativo federal, que, confiamos, haverá de ser o momento alvissareiro da reconstrução de nossa vida política.

(Mensagem lida em cadeia de rádio e televisão, em 31-3-70, por ocasião do 6º aniversário da Revolução de Março).